

ANCESTRALIDADE COMO RESISTÊNCIA AO CAPITALOCENO: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA

Autor principal: Sonielson Luciano de Sousa, doutorando em Educação pelo PPGEDU-ULBRA, e-mail: sonielson.sousa@ulbra.br

Co-autor: Amarildo Luiz Trevisan, Doutor em Educação (UFRGS), e-mail: amarildo.trevisan@ulbra.br

Co-autora: Irenides Teixeira, Doutora em Educação (UFBA), e-mail: irenides@ceulp.edu.br

Orientador: Moysés da Fontoura Pinto Neto, Doutor em Filosofia pela PUC-RS, e-mail: moyses.neto@ulbra.br

Introdução

O termo Capitaloceno, que é uma novidade nos estudos culturais, nas ciências humanas e sociais, assim como nas teorias da Educação, sintetiza o cenário global que teve como ponto de partida os testes nucleares realizados em meados do século passado. Em contraste com o Antropoceno, que se espalhou de forma mais sistematizada no contexto acadêmico e midiático, o Capitaloceno aponta a crise ambiental como uma consequência das práticas capitalistas de exploração e acumulação, que expropriam recursos naturais e perpetuam desigualdades. Este termo, citado frequentemente por Haraway e outros cientistas de abordagem similar, tenta fazer uma correção que até então vinha passando despercebida, ou seja, a de que a atual era geológica é marcada pela ação humana e que, portanto, deveria se chamar Antropoceno. No entanto, num mundo em que boa parte da população é inscrita na esfera do inumano é um contrassenso atribuir a toda a humanidade a culpa pelo atual estado de degradação dos recursos naturais dos biomas. O conceito de Capitaloceno, neste sentido, é introduzido nas teorias da Educação como uma alternativa ao Antropoceno.

Objetivos

O objetivo é apresentar uma exploração teórica aprofundada e reflexiva do Capitaloceno com base na análise crítica de fontes de literatura existentes. Além disso, outro objetivo é averiguar a robustez do conceito e práxis de “futuro ancestral” como uma importante frente de resistência ao atual momento histórico de expropriação e abuso dos recursos naturais.

Metodologia

Para esta pesquisa usou-se a metodologia bibliográfica de teor qualitativo, que é uma abordagem de pesquisa que se concentra na análise aprofundada e na interpretação de fontes bibliográficas, como livros, artigos, teses e outros documentos escritos, a fim de compreender e descrever fenômenos, teorias, conceitos ou problemas de forma qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013). Nesse método, os pesquisadores exploram o conteúdo textual, identificam padrões, categorizam informações e buscam insights mais profundos sobre o tema de estudo.

Resultados

Ao explorar as epistemologias críticas, ecológicas e “da terra” como um modo de fazer frente ao Capitaloceno, a partir de pensadores como Ailton Krenak (2019), Davi Kopenawa (2015), Nêgo Bispo (2023), Eliane Potiguara (2004) e Haraway (2016), dentre outros, a pesquisa evidenciou um denominador comum: a necessidade premente de reconhecer e fazer valer nos currículos escolares a interconexão intrínseca entre todas as formas de vida, rompendo com a visão antropocêntrica dominante e que é amplamente perpetuada na Educação brasileira. Em contraste com o modelo de desenvolvimento ocidental, que promove em larga escala o capitaloceno e, de quebra, a necropolítica (MBEMBE, 2018), esses pensadores, muitos com raízes nas tradições indígenas e quilombolas, defendem uma relação mais respeitosa e equilibrada com a natureza e com os diferentes povos ancestrais, rejeitando práticas de exploração e acumulação (MUNDURUKU, 2016). O conceito de “futuro ancestral” (KREKAK, 2022) propõe uma reconfiguração do entendimento acerca das categorias de tempo e progresso. Ao invés de seguir adiante, ignorando as cicatrizes do passado e os ensinamentos ancestrais, essa visão convida quem faz educação no Brasil e valorizar o conhecimento e sabedoria acumulados ao longo das gerações, reconhecendo que o passado e o futuro não são mutuamente exclusivos, mas sim entrelaçados em um ciclo contínuo.

Conclusão

Esta pesquisa demonstrou que ao defender a introdução do conceito e filosofia do “futuro ancestral” em sala de aula, bem como denunciar e combater a necropolítica, espera-se não apenas disseminar conhecimento, mas cultivar nos estudantes uma consciência crítica, capaz de desafiar narrativas dominantes e trabalhar por um mundo mais inclusivo e sustentável.

Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antônio; PEREIRA, Santídio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom – Vulnerabilidade*, Campinas, ano 3, n. 5, 2016.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENACK, A. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENACK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MUNDURUKU, Daniel. *Voices Ancestrais: Dez Contos Indígenas*. São Paulo: FTD Educação, 2016.
- POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.